

TERRA MEMÓRIA VIVA: PATRIMÔNIO MUNDIAL PELAS LÍNGUAS E CULTURAS DOS POVOS

Catitu TAYASSU¹

Resumo : Descrição e fundamentação teórica das atividades de pesquisa da organização não-governamental Pour la Vie Ailleurs & Maintenant – Pela Vida Afora & Agora.

Résumé: Description et fondements théoriques des activités de recherche de l'organisation non- gouvernementale Pour la Vie Ailleurs & Maintenant – Pela Vida Afora & Agora.

Este artigo foi organizado em duas partes. A primeira retoma algumas reflexões, leituras, imagens, referências e textos relacionados às línguas, às culturas, aos saberes e aos povos. Trata-se de uma rememoração crítica, que precede e fundamenta o trabalho de pesquisa aplicada inserido no contexto de uma organização não governamental, toda ela, dedicada à *Ecologia Humana, Cultural e Linguística*, ou seja, ao legado patrimonial da Humanidade. Farei referência, portanto, às iniciativas internacionais no seio da *Associação Pour la Vie Ailleurs & Maintenant – Pela Vida Afora & Agora*, criada em Paris, em 2009. Ela, constitui a segunda parte desse artigo, onde apresento as ações internacionais voltadas para a salvaguarda, a promoção e a revitalização da *Biodiversidade Humana*, ou seja, as 7 iniciativas criadas e articuladas à preservação das línguas, das culturas e dos saberes relacionados aos povos do mundo.

PASSAGENS DA MEMÓRIA...

¹ Doutora pela FaE-UFGM, em 1999. Pos-Doutorado pelo CRHC-Université de Versailles, em 2001. Pesquisadora Associada no CRH-EHESS, desde 2003. Professora de Português para Estrangeiros, a partir de 2003. Fundadora da Associação “Pour la Vie Ailleurs & Pour la Vie Maintenant – Pela Vida Afora & Pela Vida Agora”, dedicado à memória viva, à salvaguarda das comunidades étnicas e linguísticas, à promoção e à revitalização cultural do Patrimônio da Humanidade, desde 2009. Membro da Associação em Paris “ La Forge des Mythes”, voltada à preservação e à socialização dos mitos universais, desde 2010.

“Se estivesse em casa, num qualquer porto europeu amigável, acreditaria sem reservas na possibilidade de uma conversa esclarecedora (quantas maravilhas os médicos não prometem a esse respeito), mas aqui ninguém acredita em nada. Os anjos são demasiados fortes e caminham com pés invulneráveis, mas os homens não querem pedir nada a ninguém, não sabemos ao certo qual é o ponto vulnerável dos outros, talvez seja o nosso? E assim se espalha o silêncio. A esta propagação do silêncio chamamos «endurecer...» Annemarie Schwarzenbach, in, 'Morte na Pérsia'.

Escrevo auxiliada pela memória. Retomo, aqui, apenas uma parte do saber ancestral transmitido pelo grande pajé das terras do Norte, cujas palavras misturavam fogo, ar, terra e água. Pelo seu contar sobre o começo do mundo o meu iniciado pelas línguas, pelas histórias dos povos e os universos culturais que representam o Patrimônio Mundial ou o legado Cultural e Linguístico dos povos, cujos saberes ainda se fazem presentes.

Retomo os viezes da lembrança quando, em região amazônica, fui surpreendida por um pajé, que na tradução portuguesa sobre a língua tupi significa, “aquele que é o feiticeiro, o cantor, o médico, o augure e o sacerdote dos indígenas”. Eu prefiro considerá-lo como um xamã, pois esse termo, no interior da cultura siberiana e das línguas altaicas, especificamente, a tangúsica ou *toungouse* para a língua francesa, é o mais apropriado para designar suas funções no seio das comunidades ancestrais. O termo xamã não comporta as interpretações ocidentais que sacrificam o nome pelo emprego de etiquetas que forjam o imaginário pelo aval da superstição e do preconceito.

O xamã narrava. Eu aprendia sobre o começo de seu mundo, segundo o dizer ditado pela sua cultura e língua materna. As suas palavras despejavam água. Era como uma chuva mansa, porém constante e profícua. À narrativa agregados os demais elementos porque no começo houve o fogo e ele fora transportado pelo vento, que trouxe a chuva, e despejada céu abaixo, espalhou na terra as primeiras sementes. Elas foram bulidas pelos seres da terra. Assim, o que dentro guardam não morre. A vida encontra o seu caminho numa cumplicidade entre os elementos e os primeiros rebentos que são os brotos, as mudas e os rizomas perpetua o potencial da vida.

O seu contar ascendia a esperança. Uma outra forma. Uma outra linguagem. Uma maneira poética (?), imaginativa (?) e transcendental de dizer o sentido das coisas abrindo as coisas em novos sentidos. Assim, em duas línguas, ele revelava um português trôpego, contudo, apaziguado pelo cantar seguro de seu *kayapó* arcaico. Era um dizer como o vai e vem dos fios no tear e, desse modo, senão protocolar, sem dúvida paciente eu assisti ao nascimento cuidadoso de uma nova tapeçaria: o lembrar que o mito guarda e que ele revela nessa operação fundamental, através da palavra da origem, a transmissão. Ela, como uma corda, servia ao fio da narrativa e, assim, o seu artefato fino, fiado em confiança e transmitido pelo zelo da memória e em prol da memória coletiva que os mitos celebram de geração em geração.

Suas palavras logo acordaram a consciência que eu tinha. Naquela época, frágil como a minha juventude. A consciência de uma criança precoce e não muito mais do que isso. Aquém do possível o que me salvava era, de fato, a sensibilidade. A forma que assume, algumas vezes, o encantamento mediante o descobrimento das coisas e, no meu caso, o respeito particular que tenho por coisas velhas, por objetos caducos, pelas lembranças do tempo do onça e, assim, o meu (estranho?) prazer de me encontrar antes da fronteira com o presente e, de lá, ouvir e atentamente as histórias, sobretudo, quando narradas pelos textos-testemunhos conservados pelas bocas mais antigas.

O grande escritor, pensador e etnólogo-contador, do Mali, *Amadou Hambaaté Bâ*, dizia: cada velho que morre na África é uma biblioteca inteira que desaparece. Acredito que não apenas na África, mas no mundo inteiro estamos cercados por bibliotecas humanas e, essa enciclopédia viva existe e resiste em cada um de nós quando aceitamos as heranças culturais que as línguas conservam e comunicam. Desse modo podemos ser, cada um de nós, agentes da memória, *passeurs de mémoire*, pessoas-livros, gente-patrimônio...

O xamã proferia o ensinamento entre a fumaça da palha misturada ao tabaco e a fumaça do mistério misturada pela lembrança que ele soube evocar, reavivando a minha memória e incitando a minha cumplicidade. Aos poucos porque desanoitecida a força do rito abertamente as passagens para o meu entendimento. Naquela noite entre eu e o pajé apenas uma pequena cabaça com o chá da erva, cozida pela assistência do fogo, das palavras sagradas e a boa água do rio vivo. Um rio longe do oceano. O rio como o sangue em circulação pela saúde da imensa floresta. O rio como testemunha sobre as contações acerca do começo do mundo. Esse rio que agora vejo senão pelos olhos da memória. O rio agarrado ao umbigo do Amazonas. Rio pelo colo das minhas retinas e o seu caminho reto e curvo pelo itinerário desta escrita que guia pela travessia da memória...

“A EXISTENCIA DAS COISAS IMPLICA TANTO UM MISTERIO, QUANTO UM QUERER BEM...”

O começo da vida fora emendado num longínquo outro tempo, através dos fios do nosso primeiro algodão. Os fios entremeados, assim, criada uma corda. Ela serviu de escada entre aqueles, os Nossos, que moravam na Terra do Céu e que, um dia, puderam descobrir o que havia depois do nosso (primeiro) mundo. Descoberto, assim, um segundo Céu. Ele era um mundo novo; um mundo abaixo. Mundo outro graças à fuga de um tatu, que aflito, fugiu do caçador e fez um buraco pelo corpo da nuvem. Findado o buraco o tatu foi por ele engolido.

O nosso caçador, surpreso com o sumiço do bicho, meteu o olho e viu o Outro. Voltou apressado à aldeia. Contou a visão. A novidade se esparramou entre os nossos porque elas se alastram quando é a curiosidade quem ganha asas. Maior que elas é o falatório emendando um depois...Foi um reboiço! No outro dia os nossos Parentes vieram espiar o buraco. Aos olhos o desvendar do Céu da Terra, este, que existia bem abaixo da Terra do Céu, mas ninguém sabia! Tudo o que se dava por mais conhecido até aquele dia era o nosso território, acima da terra e pelo ventre do céu. Nossos Parentes fabricaram uma corda com os fios do algodão. A corda entre o céu e a terra sustentou o caçador; o primeiro homem que desceu pelo buraco. A seguir foram os mais moços, os jovens em transição, os meninos afoitos e, por fim, as idades do meio. Aos poucos sumiram, sumiram como sumiram os Nossos, os que no Céu ficaram...

Um dos velhos. Um entre os sábios. Um entre os Parentes de mais idade decidiu pelo cortar da corda... Quem no Céu ficou, assistiu do alto a floresta entre os braços do rio grande. Os pássaros que sobrevoavam o Céu da Terra. Os Espíritos com asas. O rio maior abraçado aos demais pela irrigação da bacia, das vidas aquáticas, das raízes com sede d'água, das árvores das ribeiras, das outras e outras árvores que compunham a imensa primeira floresta vista do Céu. Sua cor em vivo verde foi escolhida para batizar o seu nome. Um verde pelo sustento e a fartura da caça, a diversidade dos bichos de todas as cores, espécimes e tamanhos...

A Terra, nesse Céu abaixo do nosso primeiro Céu, era tão vermelha como fora no período das larvas, assim o sabimento, como nos foi ensinado pelos nossos Parentes do Céu.

Nossos Ancestrais, nossos antigos Parentes, não fora mais vistos, depois desse dia. Eles permaneceram na Terra do Céu, acima de nós. São os nossos ancestrais os que ainda hoje zelam pelo território sagrado, onde dantes tudo era vida inclusive a morte. Tudo no Céu amigao pela mesma luz, inclusive, a noite. Desde então acendemos altas fogueiras. Comemoramos com cantos e danças. Celebramos os nossos Parentes do Céu que nos assistem. Batemos a Terra, pés nus, pés fortes, pés juntos... Acordamos o coração dessa Terra pelo acordar do coração do Céu, que sobrevive através dos nossos; os Parentes que lá ficaram..."

Esse *ensinamito* faz parte do conhecimento ancestral celebrado pelos ameríndios *Kayapó*. Cada mito ensina a celebração de um saber primeiro, cujo mito fundamental é precioso à cultura ameríndia. O conjunto deles é um panthéon VIVO. Uma biblioteca humana, cujo legado é o arcabouço para a *Educação Ameríndia* transmitida de geração em geração, mas muito diferenciada do que é comumente chamado como o Ensino Indígena.

Os mitos ameríndios zelam pelas tradições primordiais, como se eles, os olhos, à guisa de um caminho possível: a alteridade do grupo, a resistência da língua, a vida em comunidade, a unidade pela cultura e a sobrevivência com sobriedade e dignidade.

Os mitos educam, mas não apenas por intermédio das narrativas. Eles se manifestam por intermédio do saber-fazer ameríndio, portanto, dos acontecimentos os mais corriqueiros, como também através das práticas sociais, espirituais e culturais em suas mais diferentes expressões.

Os mitos, quer nas sociedades sem a escrita, quer nas sociedades com a escrita, no ocidente ou fora dele, ativam ou predisõem as orelhas do coração, isto é, a terra fecunda e sem violência – *A-j-ab*. Em língua tupi significa dizer que a língua depende de uma interioridade para a sua exterioridade espontânea, como é também a da flor, a da manhã, a da ostra e a de um ovo – *Ajab*.

A poética mitológica recria numa linguagem simbólica as marcas estéticas por meio das quais os mitos cultivam a “terra-memória-viva” – *waitamu* – segundo a língua dos grandes irmãos *Maori*, no Pacífico. A terra humana é, nesse sentido, a condição fundamental para fecundar o saber que nunca morre. Isso, bem entendido, enquanto houver língua viva, pois ela se perpetua através do contador ou do narrador que, por sua vez, transmite aos demais, os frutos dessa memória, que nasce e renasce oralmente, continuamente, de uma geração à outra.

A estética zela pela natureza dinâmica da língua, a sua epistemológica, acordos, estrutura, história, postulados, cognição e processos. Ela acompanha, incarna, exterioriza, carrega e encaminha a gramática, orienta a sintaxe, re-estabelece a enunciação e dinamiza os ritmos constitutivos ao funcionamento da língua e, nesse uso, a estática resiste, a língua se reafirma, se transforma, se mantém e, assim, porque perdura ela escreve a sua história e cria uma nova história que será, mais tarde, relida ou reinterpretada pelas novas gerações.

Esse funcionamento não pode ser compreendido sem a função da memória, ou seja, o de transmitir os saberes e as práticas, pois é a memória VIVA da língua quem des-cobre o ontem, re-veste o presente e res-guarda o amanhã; a unidade de uma dada comunidade linguística e cultural.

A casa do Céu ou a casa da Terra são, desse modo, reunidas pelo algodão kayapó, ou seja, o mundo do passado e o mundo do presente. Ele não pode ser, ao meu ver, reapropriado ou reinterpretado como uma simples metáfora à intelegibilidade ocidental ou qualquer outra. Como uma linguagem – ou seja a ação da língua em sua epistemologia-estética – essa linguagem não é um mero recurso semântico no uso da língua Kaiapó. No meu entendimento o fio do algodão reinstaura a língua e através dele a separação do Céu e da Terra, ou seja, dos Parentes ou Ancestrais que ficaram no céu e

os herdeiros que desceram para a terra. O tempo anterior à vida na Terra e o tempo contínuo, progressivo e histórico, que representa a saga Kayapó nas terras que, mais tarde, ganharão o nome: Brasil.

A língua é, nesse sentido, o fio e a trama que sustenta a narrativa e relembra a epopéia humana, durante a longa aventura no colo da Terra, isto é, antes da colonização portuguesa e depois dela. O fio (a língua) assegura o conteúdo patrimonial que sustenta e equilibra o viver em conjunto, o antes e o depois do Céu, o ancestral e o tempo presente e as mudanças mediante a presença dos *napëpë*, que segundo os ameríndios *yanomami* significa, tanto o homem branco, quanto o estrangeiro ou o inimigo.

A língua, nesse sentido, é uma ciência, cuja medicina e arte de viver promovem a saúde e o patrimônio sustentável em prol da vida em sua diversidade. Isto, dito de um outro modo, significa que cada língua opera pela fotossíntese e o equilíbrio indispensável promovido pela *canopée*. A *canopée* é um microcosmo vivo e dinâmico. O seu movimento e modo de funcionamento opera pela manutenção do equilíbrio da biodiversidade. Ela é o mundo ou o microcosmo que sobrevive no alto das árvores pelo sustento e a manutenção da harmonia natural entre a fauna, a flora e os demais elementos da natureza. Assim, as línguas. Cada língua é um microcosmo vivo: uma epistemologia complexa, cuja estética, gramática, sintaxe, formas orais e/ou escritas conspiram, respiram, inspiram pela harmonia do conjunto. As línguas reunidas compõem uma floresta humana ou o patrimônio humano, cultural e linguístico que afirma pelas suas singularidades e diferenças. Desse modo, elas reunidas, confirmam uma outra força: a sua diversidade e complexidade. Assim, a nossa ecologia humana que só tem sentido se preservada em sua globalidade ou biodiversidade patrimonial. É o conjunto que zela pelo valor dessa riqueza. A perda da memória coletiva é, nesse sentido, um mal da civilização. Uma moléstia que se propaga e tão rapidamente que se não reagirmos de modo organizado e responsável não será possível a manutenção de sua pluralidade e a sustentação de seu equilíbrio.

Cada língua é um viver em prol do coletivo, onde a Palavra fica acima da linguagem e o Saber cosmogônico é superior ao conhecimento convencional ensinado pelas sociedades modernas. Elas que abandonaram os ritos de passagem, cortaram o cordão/o barbante/o fio de algodão que unia o mundo ancestral e o mundo contemporâneo.

Durante os séculos e por inúmeras razões, os valores e os saberes ancestrais foram sendo descreditados, diminuídos, subjulgados e ridicularizados. O individualismo e o lugar simbólico e funcional destinado ao individual nas sociedades atuais entra em duelo com o mundo da ancestralidade. O filme *Amistad* elucida o dilema sobre as dissensões sociais e as rupturas culturais entre o indivíduo e a ancestralidade. O apelo aos ancestrais é retomado pelo personagem negro-africano e, a seguir, incorporado pelo advogado branco-americano, durante a sua apelação junto à Corte Suprema. Vale a pena ver ou rever como Steven Spielberg, em 1997, espalha a pólvora, acende o fogo, mas

como cineasta renomado, ele brinca com o fogo, mas sem se queimar. Reinstaura o debate que ainda hoje me parece oportuno e atual.

Cada *ensinamito* reacende o fogo da língua, aquece aquele que a conserva e aquele que a acolhe. O fogo alimenta a unidade do coletivo e, pelo coletivo, sustenta-se o equilíbrio da vida e o mistério maior: o bem comum, que não pode (não deve) ser desabonado pelo interesse individual quando ele sacrifica e desvaloriza o coletivo.

Por intermédio de cada falante, no uso ativo da língua materna, compartilha-se os valores fundamentais que o fogo ancestral comemora, guarda, conserva e compartilha pela continuidade do grupo e pela unidade da própria língua.

A língua pode ser, nesse sentido, um *Pã Zap* – a casa, o fogo, o ninho, a oca, o lugar comum, a taba, o coletivo, segundo o dizer dos *Cinta Larga*. O *Pã Zap* é tanto o *foyer* – o fogo no interior da casa – como é a própria moradia, o que cada um traz e nela compartilha. Esse *foyer* é designado, em outras línguas, como sendo também: o destino, o caminho, o rumo e a viagem.

As línguas celebram os mitos, as tradições, os conhecimentos e os saberes que se manifestam, também, por meio dos gestos e das práticas sociais seculares e cotidianas. Nesse sentido e porque conscientes dos riscos de desaparecimento ou de extinção, cada “comunidade primitiva” procura revitalizar sua língua e promover como podem os seus saberes: sua medicina, história oral, cultura ancestral, práticas sociais e educação autóctone.

Eu prefiro identificar as culturas ameríndias, bem como as demais culturas autóctones, como “culturas resistentes” ou “culturas em resistência”. Elas sabem que a língua é o capital cultural, ancestral, simbólico e material o mais precioso que possuem. Sim, um capital material. A língua não é um patrimônio imaterial. A língua é e sua existência ganha a sua materialidade em cada falante, bem como cada pessoa incarna uma linguagem, seja ela uma língua falada, seja ela uma língua de sinais. A língua é um patrimônio vivo. Material porque ela ensina sobre a resistência manifesta em cada homem, mulher, ancião, jovem ou criança que aprende, usa e multiplica a língua em sua resistência, ou seja, em seu apelo d’existência, de continuidade, de posterioridade, de longevidade.

Os falantes sustentam a língua e por ela são sustentados porque as línguas constituem e são constituídas por uma vasta epistemologia, cujo legado é “re-presentado” pelos conteúdos-patrimoniais, como são: os mitos, os contos, as epopéias, as lendas, as incantações, os cantos, as narrativas, as odisséias, os poemas, as cantilenas, os provérbios, as trovas, as narrativas cordelistas, as sagas, as parlendas e tantas outras formas e expressões que zelam, guardam, reinventam e revitalizam a força enunciativa da língua. A sua epistemologia em suas diversas modalidades literárias (ou não)

depende de cada um de nós; os seus usuários, os seus praticantes, agentes, falantes e *passseurs*. As línguas não existem, não resistem sem essa incarnação indispensável.

Desse modo, as línguas sem seus agentes são línguas mortas. Culturas inteiras fadadas ao esquecimento.

La mort des langues n'est pas un phénomène nouveau. Depuis au moins 5000 ans, les linguistes estiment qu'au moins 30 000 langues sont nées et disparues, généralement sans laisser de trace. Avec le temps, on constate que le rythme de la mortalité des langues s'est singulièrement accéléré, surtout depuis les conquêtes colonialistes européennes. Au cours des trois derniers siècles, pendant que l'Europe perdait une bonne dizaine de langues, l'Australie et le Brésil, par exemple, en perdaient plusieurs centaines. En Afrique, plus de 200 langues comptent déjà moins de 500 locuteurs, sans parler de la liquidation de très nombreuses langues amérindiennes et de plusieurs petits peuples ayant vécu sous l'ancienne URSS ou en Chine : Ingouches, Kalmouts, Mekhétiens, Nus, Achangs, parmi d'autres.

Garimpendo culturas, pesquisando línguas e interrogando os mitos da origem, as cosmogonias ameríndias e aborígenas, os mitos gregos, hinduístas, africanos, nórdicos e orientais eu compreendo os textos cosmogônicos, como *textos-patrimônio* ou *textos-testemunhos*, como prefiro designá-los. Por meio deles perdura uma vasta e rica herança que testemunha sobre a história oral presente em cada uma das línguas, bem como sobre o cabedal de conhecimentos ligados à medicina, à arte, às concepções do mundo, as práticas sociais, culturais e econômicas desenvolvidas ou presentes em cada grupo étnico-linguístico.

As línguas porque elas também funcionam como transportes elas veiculam sons (fonemas) e combinam formas (grafemas ou ideogramas). Associados sons e formas, eis a matéria-prima entre o fogo e o ferreiro. As línguas forjam o ferreiro, como elas são forjadas pelo *forgeron* – o artesão ou o falante – que as utiliza, durante seus eventos de enunciação, seus usos e práticas de comunicação. Por dentro delas, por meio delas, à medida que as línguas se mantêm vivas, elas alimentam o fogo primordial constitutivo ao nascimento de cada uma delas. O fogo manifesto pelo caos criador do mundo. O buraco negro gerado pela exploração cósmica. O fogo roubado de Zeus por Prometeu, dando aos homens a superioridade ausente nos animais: o raciocínio e, sem dúvida, a linguagem, isto, seja para os que crêem que na linguagem repousa o pensamento ou, para os demais, que defendem que é o pensamento que gera a linguagem.

Aceitar o fogo como o elemento iniciador ou a gênese da língua é aceitar os primórdios, através do Silêncio. O seu balbucio posterior através dos Sons. A sua criança ou natureza profunda pela Palavra e, em suas muitas idades, a Linguagem, cujos ciclos ou espirais dão a ver a Geografia, ou seja, a História sobre a escrita da Terra, ora compreendida, como a Terra de cada Língua ou a Língua em cada Homem. Língua que nasce e renasce por meio da incarnação da vida, em cada homem e mulher, e assim, repetidamente, desde os primórdios.

As línguas, depois do fogo criador, sustentam e são sustentadas pela trama; o tear pelos fios do algodão. Elas continuam a emendar no “espírito” dos *Metuktire-Kaiapó* a corda pela Terra do Céu no Céu da Terra, ou seja, o fio tênue e ao mesmo tempo seguro, entre o tempo do Céu e o tempo da Terra – o princípio do mundo pelo começo de um outro, quando desceram pela corda...

Para os primeiros e os últimos *Guarani* e *M'bya* em resistência não existe o paraíso judaico-cristão ou o Eden perdido e celebrado pelos católicos. Eles acreditam na *Terra sem Males* e se não percorremos os seus muitos mitos parece faltar a peça-chave para compreender e, melhor, o nomadismo presente em seus modos de vida; a saga de gleba em gleba pelo encontro da *Terra Sem Males* ou o lugar pelo “vivre ensemble” – o viver em conjunto.

Contudo, a Terra Dentro de cada Um pela Terra Fora e para Todos foi aviltada, durante e após a colonização espanhola e portuguesa. Ela continua presente e é por eles reclamada; a terra como um direito à salvaguarda da alteridade ameríndia e, no caso dos *Guarani*, *Kaiowa* e *M'bya*, a falta dessa terra e a vida sedentária em reservas ou em territórios ameaçados representa um de seus principais problemas, entre eles, o suicídio juvenil, que se agrava, apesar das denúncias e da resistência de nossos irmãos, na Argentina, no Brasil e no Paraguai.

"No necesitan amenazarnos para que dejemos este lugar. Saben que si nos sacan el monte nos vamos, y es eso lo que están haciendo". Artemio Benitez, Cacique de Tekoa Yma.

"En la era en que la vida sobre la Tierra era plena, nadie prestaba atención a los hombres valiosos, ni señalaba al hombre de habilidad. Los gobernantes eran simplemente las ramas más altas del árbol, y el pueblo era como los venados en los bosques. Eran honestos y justos sin darse cuenta de que estaban 'cumpliendo con su deber'. Se amaban los unos a los otros, y no sabían que esto significaba 'amar al prójimo'. No engañaban a nadie y aún así no sabían que eran hombres 'de fiar'. Eran íntegros y no sabían que aquello era 'buena fe'. Vivían juntos libremente, dando y tomando y no sabían que eran 'generosos'.

Por esta razón sus hechos no han sido narrados. No hicieron historia". Relato Chino sobre o Genocídio dos M'bya Guarani na Argentina".

Conta a narrativa dos grandes irmãos da América do Norte, os ameríndios *Lakota*, *Kiwoa* e *Ponca*, que em cada um de nós existe uma coisa selvagem. Talvez duas. Talvez dois. Dois cavalos ou cachorros, ambos, selvagens. [Selvagem nessa cultura não possui o mesmo significado empregado pelos ocidentais ou pelos americanos, mas isso é uma outra história...] Cada um é bastante diferente, como parece ser a luz e o breu. O claro e o obscuro. O bem e o mal. Cotidianamente um cachorro toma o lugar do outro. Um cavalo concorre com o outro, assim, reza a história... Há, em cada um, um segundo e o ganhador é senão aquele que é o mais alimentado e o mais encorajado por cada um de nós em cada circunstância.

No que tange ao problema das línguas – o desaparecimento e a extinção reiteradamente denunciada pela UNESCO, pelos especialistas, pelos linguistas e pelas organizações não governamentais em prol do Patrimônio Mundial – qual dos cachorros, qual dos cavalos prefere o risco iminente de extinção? Qual deles frequenta intimamente o risco da perversão? Esta que condena a vida das culturas, dos saberes, dos povos e das línguas para nutrir e multiplicar o risco de perdermos a nossa Memória Coletiva e, assim antes mesmo do final desse século.

As estatísticas reiteram que apenas 10% dessa riqueza, portanto, apenas 10% das línguas manter-se-ão vivas. 690 línguas sobreviventes, ou um pouco mais, ou um pouco menos. Quais as medicinas, quais os saberes, as histórias orais, as escritas e os patrimônios culturais e linguísticos que resistirão à concorrência desleal do leilão capitalista contemporâneo? Essa forma canibal do capitalismo que em nossa era sacrifica a biodiversidade natural e humana, e cria como memória possível ao seu futuro império, um tempo novo. Um novo sem a força e a herança do velho mundo. Do mundo ancestral e das milhares de línguas que estão fadadas ao desaparecimento. Um império constituído nessa frequência perigosa, desrespeitosa e imoral contra o direito à vida, contra a biodiversidade do nosso planeta. Um império que se pensa muito inteligente e hábil, mas fundamentado na idéia que o grande come o pequeno, que o esperto engole o imbecil. Era resultante do que nós e muitos outros temos insistentemente denunciado: os genocídios linguísticos que progridem em grande velocidade e o massacre inconsequente dos povos e das culturas mundo afora.

As proporções dessa saga destrutiva deixarão para os nossos filhos, netos, crianças e jovens, apenas, um patrimônio restrito, subestimado, subjugado, diminuído e empobrecido pelas lógicas do sistema do capital, cujo cinismo e perversão alimentam os comportamentos sociais que ora desrespeitam as leis naturais, a dignidade e a solidariedade humana.

Qual a memória desejamos para o nosso presente? Qual o futuro para as gerações aquém de nós e além desses nossos cavalos ou cachorros que concorrem e combatem contra a sobriedade e alteridade necessárias às nossas vidas e ao nosso tempo.

O filósofo e sociólogo *Edgar Morin* reitera a grave crise das civilizações e a ocidentalização das culturas. Ele critica a grave disposição à colonização do imaginário coletivo que vivemos nas últimas décadas.

« Non seulement il y a la dégradation de la biosphère, la propagation de l'arme nucléaire mais il y a aussi une double crise : crise des civilisations traditionnelles sous le coup du développement et de la mondialisation, qui n'est rien d'autre que l'occidentalisation, et crise de notre civilisation occidentale qui produit ce devenir accéléré où la science et la technique ne sont pas contrôlées et où le profit est déchaîné. La crise intellectuelle est peut-être la pire parce que nous continuons à penser que la croissance va résoudre tous les maux alors que la croissance infinie et accélérée nous projette dans un monde fini qui la rendrait impossible. Chaque culture a ses vertus, ses vices, ses savoirs, ses arts de vivre, ses erreurs, ses illusions. Il est plus important, à l'ère planétaire qui est la nôtre, d'aspirer, dans chaque nation, à intégrer ce que les autres ont de meilleur, et à chercher la symbiose du meilleur de toutes les cultures. Il ne s'agit pas d'un relativisme culturel, mais d'un universalisme humaniste. Il s'agit de dépasser un occidentalocentrisme et de reconnaître les richesses de la variété des cultures humaines. Il s'agit de reconnaître non seulement les vertus de notre culture et ses potentialités émancipatrices, mais aussi ses carences et ses vices, notamment le déchaînement de la volonté de puissance et de domination sur le monde, le mythe de la conquête de la nature, la croyance au progrès comme lot de l'histoire. Nous devons reconnaître les vices autoritaires des cultures traditionnelles, mais aussi l'existence de solidarités que notre modernité a fait disparaître, une relation meilleure à la nature, et dans les petites cultures indigènes des sagesses et des arts de vivre. Le faux universalisme consiste à nous croire propriétaires de l'universel - ce qui a permis de camoufler notre absence de respect des humains d'autres cultures et les vices de notre domination. Le vrai universalisme essaie de nous situer en un méta-point de vue humain qui nous englobe et nous dépasse, pour qui le trésor de l'unité humaine est dans la diversité des

cultures. Et le trésor de la diversité culturelle dans l'unité humaine.

Durante minhas passagens entre cidades invisíveis, mas sem Marco Polo ou a missão orientada pelo grande imperador Kublai Khan, prossegui minhas pesquisas sobre as memórias sobreviventes, cujos resistentes reivindicam o direito à vida, à terra que sempre ocuparam e à diversidade que incarnam. Uma diversidade que é contrária à hegemonia contemporânea das sociedades pós-industriais e virtuais. Encontrei junto aos povos, ora mais, ora menos massacrados pelas lógicas atuais dos sistemas econômicos e sociais, um acervo riquíssimo sobre as Histórias Orais, os Saberes Ancestrais, as Práticas Medicinais, as Incantações Tradicionais, os Ritos Xamânicos, as Epopéias Humanas, os Textos-Patrimônio e os Cantos-Testemunhos.

Acordei um dia, de outra maneira, graças à força narrativa sobre “o começo do mundo” contada pelos *quichés*, povo ameríndio da América Central, cujo grupo étnico é aparentado aos Maias, hoje, alguns deles, sobreviventes, numa outra Guatemala, distante da primeira. Essa narrativa levou-me à muitas outras e, assim, um cordel entre as demais culturas não ocidentais e ocidentais, ameríndias ou não.

Anos mais tarde a corda de algodão diminuiria a distância entre os dois lados do Atlântico. Daniel Munduruku, escritor indígena, quando em Paris em 2011, aceitou gravar uma entrevista. Nesse encontro a sua evocação sobre a palavra da origem, através do mito *Wuujujyû*. Pelo fio da narrativa a ponta de um outro (?) mito e pelo mesmo(?) algodão a minha lembrança sobre o mito narrado, décadas antes, pelo pajé Metyktire-Kayapó, quando de nosso encontro na reserva *Menkregnoti*, na bacia do Amazonas.

Para os *Munduruku*, o *Céu da Terra*, dormitava nas profundezas, onde também moravam os lagos subterrâneos, a Terra no fundo da Terra, os seus Parentes ou Ancestrais e toda uma fauna, flora, mundo e natureza específica às grutas e às cavernas.

Um dia, uma abertura ou fresta no alto da caverna serviu de passagem entre a luz do alto e o mundo de baixo. O mundo da Terra, onde os primeiros *Munduruku* viveram.

Os fios do algodão serviram para a fabricação de uma corda. Como ensina também o mito dos *Metyktire*. A corda preparada pelos *Munduruku* serviu para a travessia daqueles que foram espiar o que existia, além do primeiro mundo, lá, no espaço de fora e acima do umbigo da Terra. Os que ficaram foram senão os mais velhos. Os anciãos ou parentes que zelam pela vida daqueles que se foram...

No mesmo ano encontrei o relato de Eric Julian e Muriel Fifiis: *La Mémoire des Possibles*. Os autores franceses restituem em seu livro uma série fotográfica, bem como

um depoimento detalhado sobre as práticas, as concepções, as heranças e os saberes da comunidade *Kogi*, presentes na Sierra Nevada de Santa Marta, na Colômbia.

Os *Kogi* conservam o fiar do algodão, como um dos trabalhos masculinos indispensáveis à vida em comunidade. Para eles, o tear preserva o equilíbrio da vida cotidiana. Além de sua função pragmática pelo artesanato ameríndio o tear serve à construção do desenvolvimento individual no seio da coletividade. Como um recurso de meditação, de introspecção e de reflexão ele permite restabelecer o equilíbrio interno e a harmonia nas relações, práticas e trocas humanas. Esse equilíbrio corrobora, nessa cultura, para uma inteligência coletiva que respeita os sinais da Terra, as escolhas individuais e em grupo e o equilíbrio da biodiversidade. Os homens *Kogi* tecem diariamente. Enquanto tecem examinam-se. Retificam-se. Concentram-se e reestabelecem a paz interior pela paz coletiva.

A mesma prática foi outrora promovida por Gandi, na Índia. Ele insistiu para que o tear fosse incorporado, pelo menos, durante 1 hora, entre os representantes do parlamento. O tear deveria preceder qualquer atividade social, política, econômica ou individual. Ela foi incorporada por Gandi e ensinada como um princípio fundamental à sustentação do equilíbrio pessoal e para o pacifista a condição essencial pelo equilíbrio sustentável da sociedade de seu tempo.

Quantos Mitos, Contos, Lendas, Fábulas, Poemas Épicos, Cantos e Sagas atravessam as noites, fiam o tempo e costuram as histórias entre os Homens: seus encontros, seus desencontros, suas aprendizagens, alegorias, desencantamentos, preceitos, conhecimentos e saberes? Uma Epopéia Humana e Cultural que quando engolida pelas máquinas viram patrimônio imaterial ou apenas museu virtual. Uma Odisséia Linguística, viva e dinâmica, mas sem correspondência à desritmia urbana, à pressa e à avidez estimuladas pelas sociedades atuais.

Para ter e ir mais longe e o mais veloz possível quantas máquinas forjam/forjarão os destinos humanos?

Os *Kogi*, quando foram trazidos para a Europa, em 2010, interrogaram Eric Julian, quando viram e atravessaram, com grande receio, o primeiro túnel que interliga duas cidades européias. Estupefatos com as imensas paredes de betão perguntaram porque que os homens constroem os tais “túneis” já que eles cortam o corpo das montanhas e, desse modo, sacrificam a força vital que participa em prol equilíbrio sustentável da Terra. Eric Julien respondeu:

- “ Para ir mais rápido...”

- “E o que alcançam os homens, depois do caminho encurtado? ”. Prosseguiu o mais velho entre os *Kogi*.

Na África reza o dito popular: “os suíços inventaram o relógio e os africanos o tempo. Na linha do horizonte mora a morte. Quem corre, chega mais rápido, como também perde mais cedo a vida e se une, antes dos demais, à morte.

PASSAGENS SOBRE O PATRIMÔNIO...

Somos e fazemos parte de um vasto Patrimônio constituído por muitos mitos que se multiplicaram numa vasta antologia, tais como os contos, as alegorias, as peças musicais e outras tipologias e formas discursivas destinadas às mais diversas narrativas: profanas e sagradas, e que se fazem presentes nas culturas budistas, hinduístas, sufistas, zen e tantas e tantas outras.

Atravessados por muitas línguas somos todos patrimônio. As mitologias são velhíssimas enciclopédias sobre o vasto legado das odisséias e epopéias humanas – em suas vozes e em suas línguas de sinais – em seus vestígios e em suas iconografias – em seus casos e em suas escritas – em seus muitos patrimônios e em suas diversas heranças.

Um Patrimônio ativo é aquele como o promovemos.

Uma TERRA Memória VIVA é como o desejamos.

Uma memória coletiva que celebra e promove o equilíbrio de nossa biodiversidade cultural, étnico e linguística, portanto, o fio de algodão entre as heranças ancestrais e os saberes contemporâneos sobre a terra, a água, as plantas, os animais, as tecnologias, as medicinas e tantos outros saberes e tradições, que contam sobre as histórias orais e o arcabouço complexo que constituem nossas culturas e, elas, são culturas no plural. Plurais como nossas línguas. Línguas berços culturais e, assim, o nosso entendimento pela iniciativa *TERRA MemóriaVIVA* ou *TERRE MémoireVIVE*.

Desse modo cada herdeiro é também responsável pela diversidade que o faz rico, diverso, plural e mestiço. Somos mestiços porque somos Homens e Mulheres-Culturas. Faz parte de nossa história, mais ou menos conscientes do que podemos ser.

Aceitar que o necessário a fazer pela proteção dessa biodiversidade é também aprender a preservar, a promover e a revitalizar a nossa Memória Coletiva é aceitar a herança que nos foi legada, através das gerações precedentes.

Sugestionada pelas práticas ancestrais e, portanto, pelas diferentes narrativas oriundas das tradições orais, bem como pelos saberes e conhecimentos ligados ao meio-ambiente e, por fim, pelas produções escritas e impressas que têm relação com o patrimônio dos

povos, em particular, o das comunidades orais e sem escritura, elegi em 2009 esses três conteúdos como a matéria-prima preferencial para as gravações em áudio nas mais diversas línguas.

Esse amplo inventário cultural representa o conjunto das gravações feitas e recebidas, sob a forma de doações sonoras e, desse modo, uma primeira amostra foi constituída sobre o Patrimônio das Línguas, das Culturas e dos Povos.

Essa primeira amostra, depois de 4 anos de garimpo, recolha, seleção, análise e gravação permitiu a consolidação de um Projeto-Piloto. Esse projeto foi todo ele organizado em prol da salvaguarda, da promoção e da revitalização das línguas. Isso porque convencida que as línguas participam pela espiral cultural e a memória viva sobre os saberes dos povos. Cada uma delas contribuem, ao meu ver, para uma inteligência coletiva que respeita as heranças do ontem e as produções do presente.

Nesse sentido, ao final de 4 anos, uma primeira amostra sonora foi constituída e ela comporta 150 línguas gravadas através de 1500 à 2000 conteúdos: contos, mitos, fábulas, cantos tradicionais, depoimentos, odisséias, epopéias, alegorias, peças musicais e teatrais, dentre outras formas e modalidades discursivas.

Pude então aplicar ou transpor o funcionamento desse sistema inteligente que é o de um rizoma e, a partir dele estruturei um primeiro Banco ou Base de Dados. Auxiliada por um webmaster, um grafista e uma equipe de engenheiros de som, pude conceber e aperfeiçar essa primeira base de informações e, atualmente, ela foi ampliada para funcionar como uma plataforma internacional (web-rádio). Uma plataforma Terra Memória Viva como um espaço web, com diferentes interfaces, para possibilitar que os programas de rádio e os novos meios ou recursos de comunicação à distância possam ser contemplados e associados, a fim que a circulação ou a socialização das línguas obtenha as melhores condições de alcance e de multiplicação.

Nesse sentido TERRA Memória Viva deve, concomitantemente, integrar iniciativas locais e internacionais que cooperam pela revitalização e pela promoção de nossa Biodiversidade Étnica, Cultural e Linguística.

Nossas iniciativas e as iniciativas associadas em nossa Plataforma Internacional devem agir de forma aticulada em prol de uma cooperação e reciprocidade quanto aos diversos desafios que ameaçam a preservação do Patrimônio da Humanidade.

Todo o trabalho de pesquisa-ação ou de pesquisa aplicada foi estruturado no contexto de uma organização não governamental e sem fins lucrativos. Isto porque há anos tornei-me pesquisadora independente. As universidades e as instituições culturais procuradas no período foram pouco abertas para a acolhida de uma iniciativa independente, cuja

pesquisadora não pertencia a nenhum espaço ou configuração universitária que pudesse servir como elo de ligação ou como ponto de apoio estrutural.

Criada então em 2009, em Paris, uma associação de caráter internacional, intitulada

“Pour la Vie Ailleurs & Pour la Vie Maintenant – Pela Vida Afora & Pela Vida Agora”. Essa Associação é reconhecida oficialmente na França e seu estatuto é regido pela lei 1901, e aplicada aos organismos sem fins lucrativos.



Ao final dos 3 primeiros anos uma primeira página web – www.pourlavieailleurs.org foi lançada com os seguintes objetivos:

- (a) apresentar o trabalho de investigação associado à iniciativa de solidariedade internacional;
- (b) oferecer uma amostra sonora representativa sobre o trabalho em desenvolvimento;
- (c) lançar um apelo internacional em favor dos povos, das línguas e das culturas;
- (d) coletar doações para o financiamento e lançamento da Plataforma Internacional.

Os primeiros órgãos solidários às iniciativas criadas no seio dessa Associação são:

O Setor da Diversidade Cultural e do Patrimônio Imaterial - Ministère des Affaires Etrangères et Européens/MAEE (Paris); Missão do Brasil junto à CPLP (Lisboa); La Suisse Raconte (Associação Suíça); La Forge des Mythes (Associação em Paris), Inspire Self (Iniciativa Privada-França); Instituto Franco-Português (Lisboa); UMANI, Associação pela Fundação na Córsega; La Lune Vagabonde -Festival Manduá do Cinema Indígena Brasileiro (Associação em Paris); Moviment Intenational Libre pour la Dignité Humaine (França-Alemanha-Suíça e Bélgica); Triskell (Associação Suíça), Artisans de la Paix (Associação Francesa-Val de la Consolation), Embaixada do Brasil e Embaixada Francesa (em Lisboa) e as Embaixadas da Romênia e do Paraguai (em Paris).

PATRIMONIO CULTURAL DA HUMANIDADE...

Atualmente 50% das línguas, no mundo, encontram-se ameaçadas de extinção. A cada 15 dias, em média, desaparece uma língua, uma variante, dialeto ou patuá. Mais de 90 % dos conteúdos da Internet são redigidos apenas em 12 línguas. 96% das línguas são faladas somente por 4 % da população mundial. Entre 6900/ 6990 línguas faladas somente uma centena delas conta com mais de 1milhão de locutores. Antes do fim deste século 90% das línguas estão previstas de desaparecer.

No caso brasileiro sabe-se que nem todas as línguas ameríndias estão ameaçadas de desaparecimento, no entanto, o número de falantes não é o elemento que por si só possa assegurar a *memória viva* de uma comunidade, seu capital social, sua matriz lingüística e suas práticas culturais, sobretudo, quando elas encontram-se diluídas/dispersas no interior de outros grupos, usos e práticas sociais urbanas e ocidentalizadas.

O crescimento populacional das comunidades indígenas no Brasil tem contribuído consideravelmente para a preservação das línguas e de suas culturas. Um segundo aspecto favorável à promoção dessas comunidades diz respeito à uma série de iniciativas não governamentais em prol da *Educação Indígena*. Um terceiro aspecto refere-se às políticas públicas que direta ou indiretamente financiam ou incentivam projetos culturais, sociais e/ou editoriais em prol do fortalecimento dessas diferentes comunidades culturais.

No entanto, apesar dos avanços para fomentar o mundo-ameríndio-brasileiro, principalmente a partir dos anos 80, sabemos que a salvaguarda das línguas e das culturas requer outras iniciativas duradouras para garantir, ao mesmo tempo, a circulação dessas línguas e a revitalização dos povos em suas terras de origem, nas

terras já demarcadas, em reservas ou em terras ocupadas, durante o processo de negociação.

As línguas ameríndias brasileiras, quando cotejadas no plano mundial e no interior do vasto Patrimônio da Humanidade, elas ainda são pouco (re)conhecidas pelo seu real capital sócio-cultural, lingüístico e humanístico. Elas não estão suficientemente protegidas. Elas, como outras línguas, mundo afora, não estão integradas numa Política Pública e Democrática de Inclusão Social, Educacional, Cultural e Patrimonial, a fim de resistirem aos impactos e aos efeitos econômicos da era atual.

ESTADO ATUAL SOBRE AS LINGUAS AMERÍNDIAS NO BRASIL...

190 línguas aproximadamente estão ameaçadas de desaparecimento

Línguas Vulneráveis - Langues Vulnérables (97)

[akawaio](#) - [akwáwa](#) - [apalai](#) - [apinajé](#) - [arara du Pará](#) - [araweté](#) - [ashaninca](#) - [asuriní du Xingu](#) - [aweti](#)

[bakairi](#) - [banawá yafi](#) - [baniwa de l'Içana](#) - [bará](#) - [cashinahua](#) - [cinta larga](#) - [culina](#) - [dâw](#) - [dení](#)

[enawenê-nawê](#) - [galibi-marworno](#) - [gavião du Rondônia](#) - [akawaio](#) - [akwáwa](#) - [apalai](#) - [apinajé](#) - [arara du Pará](#)

[araweté](#) - [ashaninca](#) - [asuriní du Xingu](#) - [aweti](#) - [bakairi](#) - [banawá yafi](#) - [baniwa de l'Içana](#) - [bará](#) - [cashinahua](#)

[cinta larga](#) - [culina](#) - [dâw](#) - [dení](#) - [enawenê-nawê](#) - [galibi-marworno](#) - [gavião du Rondônia](#) - [gavião du Pará](#)

[guajá](#) - [guajajára](#) - [hixkaryána](#) - [hupda](#) - [ikpeng](#) - [jamanadí](#) - [jarawára](#) - [ka'apór](#) - [guarani-kaiowá](#) - [kalapalo](#)

[kamaiurá](#) - [canela apaniekra](#) - [canela rankokamekra](#) - [karajá](#) – [karipuna de l'Amapá](#) -
[karitiána](#) - [káro](#)

[katukína-kanamarí](#) - [kaxuiâna-xikuyána](#) - [kayabi](#) - [kisêdjê](#) - [korúbo](#) - [krahô](#) - [krikati](#) –
[kuikuro](#) - [kurripako](#)

[maxineri](#) - [macuna](#) - [macushi](#) - [marubo](#) - [matis](#) - [mawé](#) - [maxakali](#) - [mayoruna](#) – m'bya
 guarani

[mebengokre](#) - [mehináku](#) - [munduruku](#) - [myky](#) - [nambikwara du nord](#) - [nambikwara du
 sud](#) - [guarani-ñandeva](#)

[ninam](#) - [suruí](#) – [palikur](#) - [panará](#) - [patamona](#) - [pemon](#) - [pirahã](#) - [pukobyê](#) - [sanema](#) -
[shanenawa](#) - [siriano](#) - [suruahá](#)

[tapirapé](#) - [trio](#) - [tucano](#) – [tuyaca](#) - [uru-eu-wau-wau](#) - [waimirí-atroarí](#) - [waiwai](#) - [wayãpi](#) -
[wanano / kotirya](#) - [wauja](#)

[wayana](#) - [xavante](#) - [yaminawa](#) – [yanomam](#) - [yanomami](#) - [yawanawá](#) - [yecuana](#) - [yudja](#) -
[yuhup](#) - [zo'é](#) - [zoró](#)

Línguas em Perigo - Langues en Danger (17)

[aikaná](#) - [apurinã](#) - [bororo](#) – [cubeo](#) - [desano](#) - [javaé](#) - [kadiwéu](#) - [kaingang](#) - [galibi](#) -
[karipuna](#) – [nadëb](#) - [nahukwa](#) - [pareci](#) - [tikuna](#) - [tuparí](#) - [wapishana](#) - [wari](#)

Línguas em grande ameaça – Langues sérieusement en danger (19)

[ayuru](#) - [aruá](#) - [barasana](#) - [carapana](#) - [djeoromitxi](#) - [katukina de l'Acre](#) - [kulina páno](#) -
[makurap](#) - [nheengatú / yeral paumarí](#) - [piratapuya](#) - [rikbaktsa](#) - [sakirabiát](#) - [tapayuna-
 tembé](#) - [tenharím](#) - [terena](#) - [xerente](#) - [yathê](#)

Línguas em Situação Crítica - Langues en Situation Critique (45)

[akuntsu](#) - [anambé](#) - [apiaká](#) - [arara-shawanawa](#) - [arikapu](#) - [aurê-aurá](#) - [avá-canoeiro](#) – [baré](#) –
chiquitano

[cocama-cocamilla](#) - [diahói](#) - [guarasu](#) - [guató](#) - [irantxe-mynky](#) - [juma](#) - [kaixana](#) - [chamacoco](#) - [kanoê](#) -
[katawixí](#)

[kaxarari](#) - [kinikinau](#) - [krenak](#) - [kujubim](#) - [kuruáya](#) - [kwaza](#) - [matipu](#) – [mawayana](#) – [miraña](#) - [mirití](#)-
[tapuia](#)

[ofayé](#) – [omagua](#) - [oro win](#) - [parintintín](#) - [puruborá](#) - [mondé](#) - yawalapiti – [tariana](#) - [trumai](#) –
warekena - [kaparajá](#) - [sabanê](#) - [xetá](#) - [xipaya](#) - [xokleng](#) – poyanawa

Línguas extintas, segundo os levantamentos mais recentes – Langues éteintes (12)

[amanayé](#) - [arapáso](#) – [huitoto](#) - [krenjê](#) - [maku](#) - [múra](#) - [nukuini](#) - [torá](#) - [umutina](#) - [urupá](#) -
[xakriabá](#) - [yurutí](#)






OS NÍVEIS DE VITALIDADE DAS LÍNGUAS...

A UNESCO, desde 2003 lançou o seu apelo internacional junto aos países membros e, desde então uma série de iniciativas foram criadas ou incorporadas, através das corporações e missões integradas em sua sede, em Paris. Um Atlas sobre as Línguas em Risco de Desaparecimento e Extinção foi publicado, sob a forma de uma edição impressa e, mais tarde, sob a forma de uma edição on-line.

** para o caso brasileiro, bem como de outros países, os dados sobre as línguas extintas apresentam discrepâncias, por vezes, lacunas ou incorreções. O Atlas da UNESCO é um indicário bastante útil, mas ele depende inexoravelmente de informantes locais e de sucessivas atualizações. Os níveis de vitalidade, ora apresentados, em língua

portuguesa, bem como as informações traduzidas sobre a situação das línguas ameríndias, no Brasil, é o resultado de nossa participação independente.

Nível de Vitalidade : Transmissão da língua de uma geração para outra

	<i>Assegurada</i>	certeza de que a língua é falada por todas as gerações, a transmissão intergeracional é ininterrupto. Nível não incluído no Atlas da UNESCO
	<i>Vulnerável</i>	a maioria das crianças falam a língua, mas ela pode estar restrita à certas condições de fala ou uso (por exemplo: no seio da comunidade, na família, em casa, na reserva etc)
	<i>em perigo</i>	as crianças não aprendem mais a língua, em casa, como a língua-materna
	<i>em grande ameaça</i>	a língua é falada pelos avós, portanto; os pais podem compreendê-la; eles não a utilizam entre eles ou não é falada com as crianças
	<i>em situação crítica</i>	os falantes os mais jovens/próximos são os avós e seus bisavós; e eles não falam a língua senão parcialmente e muito frequentemente
	<i>Extinta</i>	Não há mais falantes para as línguas extintas >> <i>O Atlas contém as referências das línguas extintas/desaparecidas, desde 1950</i>

Breve descrição sobre o trabalho da Associação entre 2009 e 2012

Desenvolvimento do Projeto Piloto & Criação da Associação - 2009

Primeiros países integrados, Literaturas Regionais & Civilizações Antigas

A) França, Portugal, Brasil, Alemanha, Coreia do Norte, Níger, República Democrática do Congo, Paraguai, Romênia, Argentina, Cabo Verde, Argélia, Angola, Tchecoslováquia

B) Grécia Antiga, Egito Antigo, Cultura Ameríndia do Norte, Narrativas europeias, Tradição Lusófona, Africa Francófona, Roma Antiga, Narrativas Bohemias, Textos Latinos, Literatura da Idade Média, Literatura Regional Francesa, Textos oriundos da tradição Afro-Luso-Brasileira, Narrativas Ameríndias em línguas nativas e estrangeiras.

C) Visita aos órgãos de apoio e fomento para o desenvolvimento do Projeto-Pilo

Gravações itinerantes e Gravações em Paris

Ampliação do Projeto Piloto & Integração de um Studio para as Gravações - 2010

Outras gravações sonoras através das novas vozes solidárias reunidas pela associação

A) França, Portugal, Brasil, Tailândia, Suécia, Itália, Guadalupe, Marrocos, Romênia, China, Singapura, Mongólia, México, Peru, Guatemala, Estados Unidos, Angola, Egito, Indonésia, Áustria, São Tomé e Príncipe, Índia, Japão, Rússia, Irão, Guiné-Bissau, Senegal, Canadá, Colômbia, Chile, Cordilheira dos Andes, Venezuela, Bolívia, Argentina, Paraguai, Palestina, Itália

B) Participação junto aos Movimentos Sociais, na Europa, América do Sul, África etc.

C) Ampliação da Equipe Técnica e obtenção de um Studio profissional para as gravações

D) Criação do Comitê Científico para validar as doações em línguas menos conhecidas

Gravações junto às comunidades lingüísticas em Paris e no Estrangeiro

Gravações Itinerantes e em Studio & Tratamento Técnico das Doações Sonoras – 2011

Apresentação do Projeto Piloto – 1ª. Amostra Sonora - www.pelavidafora.org

A) Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Guiana Francesa, Chile, Venezuela, Argentina, Uruguai, Paraguai, Tunísia, Líbano, Israel, Bélgica, País Baixo, Suíça, Turquia, Índia, Irão, Senegal, Burkina Faso, Mali, Guiné Conakry, Marrocos, Rússia, México, Guatemala, Ilha Maurice, Antilhas, Córsega, Costa de Marfim, China, Japão, Hungria

B) Culturas: zen, grega, budista, hinduísta, celta, hebraica, egípcia, siberiana e tradições do Grande Norte

C) Comunidades lingüísticas, étnico-culturais: Maia, Nahuatl, Maori, Javanesa, Malasiana, Indonésiana, Mirandesa, Criola, Lingala, Bushman, San, Tuaregue, Tamaxeque, Cigana, Quimbundo, Umbundo, Suruí, Kaiowá, Guarani, Kaxinawa, Maxakali, Krenak, Munduruku, Lakota, Sioux, Mapuche, Quechua, Quichua, Wolof, Peul, Boitoto, Bengali, Tamule, Tcheche, Papou

D) Modificação do Estatuto da Associação e criação de um Comitê Administrativo de apoio

E) Ampliação dos órgãos de apoio e criação do dispositivo web para captar recursos

F) Implementação da Base de Dados em 4 línguas

Estado Atual da Base de Dados: 1500 gravações e 500 doações em 150 línguas

Rede de Cooperação Internacional – 2012

TERRA MemóriaVIVA pelas Línguas e Culturas dos Povos

A) Apresentar os pedidos de financiamentos, mecenato e parceria para a finalização da Base de Dados, a criação do Site Web e a Inauguração da “Plataforma Web Internacional

B) Consolidar a “Rede de Cooperação Internacional” junto aos primeiros órgãos-parceiros na França, no Brasil e na África. A “Rede de Cooperação Internacional” deverá integrar progressivamente outros países e órgãos locais e internacionais;

C) Estabelecer novos convênios, alianças e parcerias com embaixadas e outros órgãos públicos franceses e estrangeiros, bem como: ONG, centros de pesquisa, acervos (privados e públicos), universidades, institutos, fundações, empresas e iniciativas autóctones de apoio e/ou de financiamento.

Plataforma Internacional WEB-rádio : TERRA MemóriaVIVA

A Plataforma WEB - TERRA MemóriaVIVA - foi concebida como um espaço dinâmico e interativo para agregar diferentes públicos em todos os países. Ela foi elaborada para integrar duas estruturas interdependentes:

a) Uma **Base de Dados** - concebida para responder ao desafio lançado pela UNESCO, em 2003, quanto à urgência em prol da Salvaguarda das Línguas. Essa **Base de Dados** deve, ao longo do tempo, ser alimentada para assegurar satisfatoriamente a “Memória Viva das Línguas”.

A **Base de Dados** representa uma resposta democrática, responsável e durável contra as ameaças de desaparecimento e empobrecimento da Bio-DIVERSIDADE cultural e lingüística da Humanidade, sem a qual o Patrimônio Imaterial perde a sua função, natureza e dimensão mundial. Nesse sentido uma primeira Base de Dados foi financiada e consolidada, em 4 línguas: português, espanhol, francês e inglês. Ela deverá ser ampliada para 2 novas línguas: árabe e mandarim. Outras línguas poderão, evidentemente, ser integradas e, isto, em função dos financiamentos capitalizados pela Associação e, através das ações em parceria junto aos órgãos e países associados à nossa “Rede de Cooperação Internacional”.

As línguas de navegação no interior da **Base de Dados** devem servir para integrar e oferecer ao grande público uma “Ficha Catalográfica” acompanhada de um “resumo detalhado” sobre cada gravação sonora ou em vídeo (Língua de Sinais).

Na **Base de Dados** ficam associadas também uma identificação (nome, país, língua e fotografia) de cada uma das pessoas que participam como “Vozes Solidárias” à realização de uma ou mais gravações. As “Vozes Solidárias” constituem todas as pessoas que lêem, narram ou cantam histórias ou cantos tradicionais, e elas o fazem à título voluntário, em função do caráter humanitário e sem fins lucrativos da Associação.

À **Base de Dados** ficam integradas as doações sonoras ou em vídeo (línguas de sinais) em prol da memória coletiva e da promoção das línguas. Cada “doador-participante” (pessoa física ou instituição) é identificado(a) e receberá uma menção honrosa, segundo as gravações concedidas à Associação.

b) Um Site WEB - concebido a partir de diferentes interfaces e recursos de comunicação, a fim de atingir um grande público e oferecer um espaço interativo e qualitativo em prol da difusão, da promoção e da revitalização das línguas e das culturas dos povos.

As gravações sonoras e em vídeos (para as línguas de sinais) constituem a fonte de documentação pela e para a Memória Viva do Patrimônio Mundial, a fim de integrar, e o melhor possível, não apenas o público letrado como também: os analfabetos, os cegos, os idosos e a comunidade surda.

Nesse sentido uma das interfaces deverá difundir vídeos em Línguas de Sinais, e uma outra interface será dedicada especificamente para os programas de rádio, onde a internet não é acessível ou é inexistente.

O **Site WEB** servirá como um portal ou plataforma para reunir iniciativas locais e internacionais, promover projetos, realizar campanhas mundiais e dinamizar o trabalho da Associação, bem como da *Rede de Cooperação Internacional*, criada e proposta pela Associação Pour la Vie Ailleurs & Maintenant – Pela Vida Afora & Agora.

No **site web** será divulgado o *Comitê Científico Internacional*, ou seja, o nome dos representantes que compõem o conselho internacional que nos assiste diretamente para validar (ou não) certas doações sonoras recebidas na Associação.

As Iniciativas Internacionais promovidas pela Associação...



As iniciativas ora apresentadas estão vinculadas à inauguração e ao desenvolvimento da *Plataforma Internacional Web-rádio*, pois ela é estrutura matriz para integrar todas as nossas ações em prol do Patrimônio da Humanidade.

Para tanto faz-se necessária a obtenção de recursos indispensáveis ao financiamento da mesma, bem como o apoio e o fomento proveniente dos “órgãos-países-membros” ligados à “*Rede de Cooperação Internacional*” para as iniciativas comuns em prol das línguas, das culturas e dos povos.

1ª. Iniciativa Internacional: Salvaguarda das Línguas pelos Povos do Mundo

- 1.1. **TERRA MemóriaVIVA** é uma plataforma internacional composta por uma Base de Dados e um Site Web. A Plataforma foi concebida para agregar as 4 estruturas de solidariedade internacional nela reunidas, ou seja, a *Associação* em Paris, seu *Comitê Científico Internacional*, os órgãos-parceiros integrados à *Rede de Cooperação Internacional* e os membros-solidários que co-financiam e/ou apoiam as iniciativas em prol do Patrimônio da Humanidade.

- 1.2. Na Plataforma serão difundidas as gravações em áudio e em vídeo relacionadas, particularmente, aos saberes ancestrais, às tradições orais e aos conhecimentos contemporâneos, estes, desde que relacionados à literatura oral e escrita ou outros que representam/constituem as culturas e os povos em suas línguas.
- 1.3. Os arquivos em formato áudio poderão ser utilizados pelas rádios locais e educativas, através de uma interface especial prevista para esse fim.
- 1.4. Uma primeira amostra sonora foi divulgada em 2011: www.pourlavieailleurs.org ou www.pelavidafora.org. Essa página web (provisória) será substituída tão logo o financiamento e a inauguração da Plataforma Internacional sejam possíveis.
- 1.5. Em função da variedade de textos presentes nas culturas de tradição oral e escrita, a Plataforma Internacional não poderá ser exaustiva, mas deve ser suficientemente rica, quanto à quantidade das gravações e à qualidade das narrativas e cantos relacionados à cada língua, povo ou comunidade étnica que serão difundidas e, assim, ampliadas, progressivamente, ao longo do tempo.
- 1.6. Os textos gravados são portanto textos “portadores de memória”, isto é, textos que “co-memoram” as culturas e as línguas, portanto, são gravados os chamados “textos-testemunhos” porque são eles que mais contribuem a função social da memória, tanto individual, quanto coletiva. A língua que veicula o texto e o texto que ressignifica a língua são, estes, os mais privilegiados em nossas gravações. Esses textos são prioritariamente: contos, mitos, cantos, cantilenas, fábulas, odisséias, poemas, incantações, dentre outros gêneros textuais. Assim, as doações sonoras devem acompanhar esse mesmo critério.
- 1.7. O *Comitê Científico Internacional* (criado em 2010) agrega atualmente falantes nativos, como também, antropólogos, etnólogos, linguistas, tradutores, professores, amantes das línguas, bilíngues e políglotas, dentre outros especialistas/conhecedores das tradições orais e ancestrais. São prioritárias as línguas com pouquíssimos falantes e locutores vivos.

2ª. Iniciativa Internacional : “Campanha Adote uma Língua”

Adote uma Língua é uma campanha de solidariedade internacional para sensibilizar e promover a consciência em prol da responsabilidade coletiva sobre o valor das línguas como parte fundamental do Patrimônio da Humanidade. A adoção simbólica de uma ou

mais línguas será identificada – na Plataforma WEB - através de um “ícone”, “tag” ou “hipertexto”. Cada língua adotada poderá ser incluída no calendário das gravações a serem realizadas pela Associação. As doações serão possíveis em diferentes moedas e através do pagamento on-line que será ativado em nosso Site Web. Cada língua adotada e, a seguir, gravada receberá, mais tarde, um novo “ícone” ou “tag”. Desse modo os doadores-virtuais poderão acompanhar (à distância) às doações recebidas e aplicadas para esse mesmo fim.

A campanha será apresentada por meio de uma breve descrição sobre as línguas e os povos em seus respectivos territórios e, sempre que possível, algumas fotografias serão anexadas. Cada língua será identificada com um “referente” em cor **vermelha**, **laranja**, **amarela**, **branca**, segundo a situação de risco ou, ainda, em cor **verde** quando a revitalização de uma dada língua é a ação mais apropriada.

As doações financeiras serão aplicadas para as gravações locais junto aos povos e às comunidades linguísticas privilegiadas em nossa “cartografia” sobre as línguas. Nesse caso a associação poderá realizar, por meio de sua equipe, as gravações in-loco ou financiá-las à distância, quando essa estratégia for a mais adaptada.

3ª. Iniciativa Internacional: “Campanha Abraço Patrimônio”

Abraço Patrimônio é uma campanha que tem por objetivo principal revitalizar os povos e as culturas, cujas línguas estão atualmente ameaçadas de desaparecimento ou extinção. Nessa campanha internacional uma nova “cartografia” será difundida em nosso Site Web. Ela deve promover a solidariedade e o respeito em prol dos povos, particularmente, os mais negligenciados ou ameaçados. Esses povos, comunidades ou grupos poderão, se assim quiserem, ser identificados e anexados em nosso site web. Para tanto eles deverão preencher uma ficha de identificação, incluir fotografias e apresentarem um resumo sobre os projetos criados por eles mesmos ou desenvolvidos (com terceiros) em suas terras, vilarejos, cidades ou reservas. Por meio do pagamento-online cada projeto cultural integrado nessa nova cartografia poderá receber verbas de pessoas físicas ou jurídicas. A associação poderá sempre que possível intermediar, captar e enviar recursos financeiros provenientes de fundos internacionais de apoio aos projetos culturais associados nessa campanha. Os projetos culturais serão recenseados e

cadastrados via web. Caberá à Associação a verificação quanto à veracidade das informações recebidas sobre cada projeto, antes de integrá-lo em seu Site Web.

4ª. Iniciativa Internacional: “CooperATIVA”

CooperATIVA é o espaço virtual por excelência da “Rede de Cooperação Internacional”. Nela será integrado, e somente, o “Label” ou “Logo” de cada instituição-parceira da Rede de Cooperação Internacional. Um simples “clic” enviará os internautas à homepage de cada instituição. Os internautas terão acesso não apenas às informações e iniciativas co-financiadas/co-patrocinadas pela “Rede de Cooperação Internacional” como também os órgãos-parceiros: seus projetos, calendário de atividades, iniciativas locais, produtos e artigos (cd, livros, dvd, periódicos) elencados em seus respectivos sites ou blogs. Para garantir a reciprocidade dessa iniciativa a *label* da Associação Pour la Vie Ailleurs & Maintenant – Pela Vida Afora & Agora será ativado por meio de uma interface junto à homepage de cada instituição-membro da Rede de Cooperação Internacional. A CooperATIVA deve agir em cooperação pela co-participação, a mais assídua, tanto quanto possível acerca das iniciativas que direta ou indiretamente subsidiam grupos, comunidades ou povos em situação de exclusão, massacre ou extinção. Nesse espírito, a cooperativa virtual poderá - no futuro - oferecer produtos, artigos e objetos e comercializá-los diretamente e, isso, quando advindos e destinados ao apoio das comunidades autóctones ou linguísticas que precisam de auxílios para seus projetos de educação, cultura, saúde, habitação, ecologia e/ou desenvolvimento durável.

5ª. Iniciativa Internacional: “Línguas em RIZOMA – Ação RIZOMA”

A fase experimental do Projeto-Piloto 2009-2011 possibilitou as primeiras ações em rizoma:

- (a) a sensibilização das pessoas quanto à responsabilidade individual e coletiva pela salvaguarda e promoção das línguas;
- (b) a participação daqueles(as) que aceitaram realizar gravações em outros países para apoiar o trabalho desenvolvido pela Associação;
- (c) a solicitação da Associação pelo recebimento de doações sonoras em K7 ou CD;
- (d) o tratamento sonoro das primeiras doações sonoras recebidas e, finalmente,

- (e) a perspectiva de ampliação da Base de Dados para receber novas gravações em formato audio, mas também em formato vídeo para as línguas de sinais.

Esse projeto-piloto, doravante, uma campanha internacional via web, intitula-se: **Línguas em RIZOMA** ou **Ação Rizoma**. Por meio dessa iniciativa uma campanha mundial será lançada, assim que a Plataforma Web esteja concluída e on-line.

Línguas em RIZOMA requer:

- (a) um Apelo Internacional que inclua os dados estatísticos sobre a situação atual das línguas, no mundo e, conseqüentemente, a perda (cada vez mais acelerada) das línguas, variantes, dialetos e patuás;
- (b) uma ficha técnica para orientar o procedimento das gravações à distância;
- (c) a indicação do procedimento para: o envio postal de K7 e o depósito (na Base de Dados) das gravações sonoras e dos vídeos em **Línguas de Sinais (L.S.)**;
- (d) um protocolo de identificação e de autorização para difundir as gravações depositadas em nossa plataforma;
- (e) um dispositivo específico para associar vídeos em **L.S.** ou arquivos sonoros provenientes de Mediatecas, Bibliotecas, Centros de Pesquisa, Comunidades Autóctones ou outros fundos privados ou públicos.

O apoio dos membros do “Comitê Científico Internacional” criado pela Associação será fundamental para a verificação e validação dos conteúdos gravados/depositados, principalmente, quando realizados em línguas pouco conhecidas. Somente os conteúdos validados serão reencaminhados aos engenheiros de som da Associação, antes de serem difundidos no site web. Cada contribuição sonora ou em vídeo **L.S.** será identificada (nome e foto) do doador(a), como serão, também, indicados os nomes das pessoas que participaram das gravações enviadas.

6ª. Iniciativa Internacional: “TERRA MemóriaVIVA - Colóquio”

TERRA MemóriaVIVA - Colóquio é mais uma iniciativa da Associação Pela Vida Afora & Pela Vida Agora junto à “Rede de Cooperação Internacional”. Por intermédio dessa iniciativa parece-nos indispensável à Rede de Cooperação um outro espaço de interlocução, ação e visibilidade no plano internacional. Três dimensões serão privilegiadas:

- (a) TERRA em imagem: através de filmes e documentários;

- (b) Palavra VIVA: através de conferências, debates e lançamento de livros;
- (c) Artes pela MEMÓRIA: teatro, música e narrativas da tradição oral.

Para o Colóquio Inagural parece-nos indispensável focalizar particularmente as comunidades linguísticas mais vulneráveis e/ou marginais no território brasileiro e no território francês. Desse modo as atividades do Colóquio poderão contemplar o mais possível a realidade entre os dois países e, isto, a partir das comunidades e línguas que se encontram em situação de risco. Ao mesmo tempo parece-nos importante que línguas ameríndias no Brasil e as línguas e variantes no território francês que conseguiram superar os riscos de desaparecimento sejam contempladas. Apresentar, discutir, compreender e compartilhar as estratégias, as ações e as iniciativas que favoreceram e favorecem o fortalecimento ou a revitalização dessas línguas, outrora, minoritárias e ameaçadas, atualmente, mais amparadas e protegidas é, sem dúvida, fundamental.

Sem dúvida Terra MemóriaVIVA-Colóquio deve agregar outros países e realidades linguísticas, além do Brasil e da França. Isto dependerá da capacidade de reunir recursos e meios para a ampliação de novos países-membros aliados à essa iniciativa.

Objetivos:

- a) Apresentar as iniciativas promovidas pela Rede de Cooperação Internacional;
- b) Festejar as Culturas, Línguas e Povos através de um programa de atividades, onde serão reunidos diferentes interlocutores, agentes sociais, pesquisadores, representantes de comunidades étnicas, especialistas, jornalistas, artistas, cineastas, escritores, documentalistas, promotores culturais, mecenas, investidores e representantes de órgãos públicos e iniciativa privada;
- c) Promover as iniciativas desenvolvidas (e em desenvolvimento) e ampliar tanto quanto possível a Rede Internacional de Cooperação, a partir da adesão de novos membros-parceiros e agências de financiamento. Para tanto uma reunião é proposta no último dia do Colóquio, a fim que novos parceiros possam apresentar seus projetos e motivações para integrar a Rede de Cooperação Internacional. A partir disso eles poderão receber uma documentação para que ela seja posteriormente reencaminhada à Rede de Cooperação Internacional;
- d) Consolidar no plano internacional uma reflexão crítica sobre as iniciativas implementadas, os desafios atuais e futuros quanto à MemóriaVIVA das Culturas, Línguas e Povos;

- e) Arrecadar, se possível, novos fundos e doações de apoio às iniciativas internacionais para a salvaguarda das línguas, a difusão das culturas e a revitalização/fortalecimento dos povos mais ameaçados de exclusão, massacre e/ou desaparecimento. Nesse sentido uma caixa-doação será exposta durante o Colóquio, a fim que os participantes possam fazer suas doações ao nome das 7 iniciativas integradas na Rede de Cooperação Internacional.

Local: Propomos o Auditório da EHESS, em Paris, onde a Associação procura estabelecer uma interlocução direta e profícua e, um dossiê, foi encaminhado para a sua integração e participação junto à nossa iniciativa pelas Culturas, Línguas e Povos do mundo.

Título do evento: TERRA MemóriaVIVA-Colóquio Internacional.

Temas: Os temas a serem abordados pelos conferencistas, os filmes e documentários, bem como as atividades artístico-culturais serão posteriormente organizados pelos *Conselheiros* da Rede de Cooperação Internacional. O programa final será pois difundido na página CooperATIVA; espaço exclusivo e especialmente dedicado à Rede de Cooperação Internacional.

7ª. Iniciativa Internacional: “TERRA MemóriaVIVA Revista On-line”

O lançamento do periódico: “**TERRA MemóriaVIVA Revista On-line**” está atrelado ao desenvolvimento da “Rede de Cooperação Internacional”. A revista eletrônica foi concebida não apenas para dar visibilidade às ações desenvolvidas através da “Rede de Cooperação Internacional”, mas também para socializar a produção dos conhecimentos e dos saberes sobre as línguas, as culturas e os povos.

No número inaugural faz-se indispensável que cada órgão-país-membro possa apresentar um artigo, ensaio ou comentário crítico sobre suas atividades, projetos ou ações in-loco em prol do Patrimônio Mundial.

O número inaugural poderá incluir outros artigos, reportagens, entrevistas, ensaios e resultados de investigação, filmes e vídeos de curta metragem realizados por especialistas ou autóctones. As referências bibliográficas ou mediáticas sobre línguas, povos e culturas poderão servir como instrumento de apoio aos educadores, professores, agentes sociais e demais pesquisadores.

A equipe editorial será consolidada através dos nomes indicados pela “Rede de Cooperação Internacional”. Essa Revista poderá ser comercializada ou não e, isto, dependerá das decisões dos membros da Rede de Cooperação Internacional, mediante os custos e os patrocínios associados à essa iniciativa.

TERRA MemóriaVIVA Revista On-line deverá abranger territórios, povos, culturas e línguas, a partir de diferentes temas e áreas de conhecimento, como: Literatura & Linguística, História e Geografia, Sociologia e Antropologia, Etnologia e Patrimônio, Ecologia e Meio Ambiente, Artes, Tradições Orais e Práticas Sociais, Educação e Cultura, Mercado Editorial e Políticas Aplicadas para o Ensino à Distância.

Objetivos:

- a) Desenvolver uma linha editorial que possa contribuir à produção dos saberes e dos conhecimentos dos povos e sobre os povos: suas histórias, culturas e línguas;
- b) Integrar contribuições oriundas das associações, ONG e de outros organismos e instituições, a partir do trabalho desenvolvido em campo, em prol da das línguas e do desenvolvimento educacional e econômico das comunidades, grupos e etnias;
- c) Integrar contribuições sobre as demais línguas, essas, mais preservadas e menos ameaçadas a fim que a Bio-Diversidade Humana, Cultural e Linguística seja sempre integrada às reflexões e produções veiculadas pela Revista Eletrônica;
- d) Participar à produção científica e cultural sobre a História Social dos Povos e das Línguas, a partir de uma linha editorial que prima pela qualidade temática e a escolha criteriosa quanto à seleção e à difusão de artigos, ensaios, crônicas, contos e relatos de pesquisa desenvolvidos por escritores, linguistas, professores, pesquisadores, jornalistas, especialistas, antropólogos, etnólogos, historiadores, sociólogos, autóctones, tradutores, agentes sociais, dentre outros;
- e) Contribuir qualitativamente para a produção dos conhecimentos relativos ao Patrimônio Imaterial da Humanidade e, para tanto, incluir gráficos, fotografias, depoimentos, vídeos, entrevistas, mapas e uma bibliografia crítica e atualizada sobre o assunto.
- f) Promover o mais possível que os textos veiculados possam atingir um público mais abrangente e não apenas o público acadêmico ou universitário.
- g) Integrar trabalhos, textos e imagens em diferentes línguas. Nesse sentido a Revista Eletrônica poderá receber contribuições em português, espanhol, francês

e inglês, bem como, outras em línguas ameríndias ou outras. Nesse caso, sempre que possível, parece-nos importante de integrar uma tradução ou versão para acompanhar os depoimentos, vídeos ou artigos em línguas autóctones.

UMA REDE DE COOPERAÇÃO PELO PATRIMÔNIO DOS POVOS

A Conferência das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, renomeada, UNESCO, definiu em Outubro de 2003, os princípios norteadores para uma política em prol do Patrimônio Imaterial da Humanidade, sustentada sob três eixos ou instrumentos de fórum internacional: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (de 1948), o Pacto Internacional quanto aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (de 1966) e, no mesmo ano, o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos.

Esta feita, a convenção estabelece um documento oficial e indica que o “patrimônio cultural imaterial é tanto fonte de diversidade quanto garantia de desenvolvimento sustentável sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular”. Esse patrimônio guarda suas estreitas relações com o acervo material e natural. Portanto se, de um lado, o processo de globalização e de mudança social tende a promover o diálogo e as trocas entre diferentes grupos, nações, povos e comunidades em suas diferenças e singularidades, por outro lado, ele tem gerado a intolerância, a deterioração, a destruição, o apagamento e o esquecimento sobre as fontes, os recursos, os meios e as práticas relativas à riqueza desse mesmo patrimônio cultural.

A UNESCO sublinha a necessidade de conscientização, em particular, das novas gerações quanto ao valor do que ela denomina como “herança imaterial” sobre o vasto patrimônio mundial. Ela sublinha o importante papel das comunidades étnicas – grupos e, em alguns casos, indivíduos - cuja presença e significado representam e garantem a *produção*, a *salvaguarda*, a *manutenção* e a *recriação* desse bem cultural imaterial revelado pelas *línguas*, pelas *obras-primas do patrimônio oral e cultural* e pelas *diversas tradições artesanais e técnicas ancestrais, ritos e cerimônias*, sem omitir, as *expressões artísticas, práticas sociais, representações, conhecimentos, bens simbólicos, atos festivos e de celebração*.

Em favor da salvaguarda desse legado cultural uma série de disposições e definições gerais vão conferir ao texto final da convenção o seu valor documental e norteador para as ações e projetos, sejam eles, criados nas instâncias locais e nacionais, sejam eles, coordenados por acordos e alianças internacionais de cooperação.

Entende-se, portanto, por *salvaguarda* “as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial”. Nesse sentido, todas as atividades, recursos e processos destinados à “identificação, documentação, investigação, preservação, proteção,

promoção, valorização e a transmissão essencialmente por meio da educação formal e não-formal e a revitalização desse patrimônio em seus diversos aspectos” são vivamente incentivadas e apoiadas pela UNESCO.

Os museus, as bibliotecas, os acervos públicos e galerias não estão suficientemente estruturados e otimizados como espaços criadores e socializadores da História, da Memória, da Cultura e da Ancestralidade. A apropriação coletiva do patrimônio sobre a memória cultural faz-se, pois, possível quando os equipamentos sociais e os mecanismos de conservação, proteção, salvaguarda e difusão são democráticos e acessíveis.

Os desafios para a progressão da Plataforma Internacional Web-rádio parecem evidentes: a nossa capacidade para sensibilizar instituições, organismos públicos e privados, fundações, universidades, bibliotecas e órgãos diversos (nacionais e internacionais). Além de todas as iniciativas que envolvem, tanto um trabalho de pesquisa, quanto um trabalho pragmático pela salvaguarda das línguas, a promoção da memória e o fortalecimento do patrimônio cultural da humanidade.

Tendo em vista os desafios atuais a Associação, em Paris, criou em 2012, um documento oficial em prol de uma *Rede de Cooperação Internacional*. Concebida como uma instância mundial e sem objetivos políticos ou fins religiosos. Seu caráter consultativo, deliberativo e participativo foi concebido para favorecer a sua constituição em parceria, ativa e dinâmica e, assim, entre os diversos organismos de diferentes países. Essa configuração constitui a sua força e estratégia para sensibilizar, mobilizar e agir de forma articulada, em cooperação e, assim, no plano mundial. A *Rede de Cooperação Internacional (R.C.I.)* é fundamental para assegurar a realização e a promoção das atividades, dos projetos e das ações em parceria, tanto na França, quanto no Estrangeiro.

Cabe à Associação Pour la Vie Ailleurs & Maintenant – Pela Vida Afora & Agora apresentar as propostas-comuns-de trabalho e indicar novos membros-parceiros. Cada instituição envolvida poderá propor outras/novas atividades a serem subvencionadas no plano local e internacional, e sugerir novas parceiras, desde que articuladas à preservação, à promoção e/ou à revitalização do Patrimônio Humano, Cultural e Linguístico Mundial.

As 7 (sete) iniciativas internacionais integradas à Associação “Pela Vida Afora & Agora” e, aqui, apresentadas estão associadas à **R.C.I.** Cada órgão-parceiro, em seu país, afirma o seu acordo, adere e participa às iniciativas porque conscientes que a Salvaguarda, a Promoção e a Revitalização do Patrimônio Humano, Cultural e Linguístico Mundial é uma responsabilidade coletiva. Desse modo cada membro-parceiro propõe a sua quota de sua participação definida sob a forma: de recursos

materiais, verbas, apoios humanos, institucionais ou mediáticos para integrar a Rede de Cooperação.

ÚLTIMAS PALAVRAS ...

Para concluir incluo *o mito da floresta* ou *le mythe de la canopée*, cujo conteúdo inspirou e inspira as nossas iniciativas

Conta-se que entre uma noite de lua mui clara e alta, e o dia seguinte, cálido e sem branco no azul, uma borrasca intempestiva, arredia e impiedosa, recaiu pelo fim da Terra. Soprou com força levantando a saia verde das palmeiras. Sacudiu poeira, areia e o que por falta de peso voa e some sem carência de vestígio e ninguém dá sequer pela falta.

Desordenou a primeira agricultura. Jogou por terra quem subia em pé de fruto. Assombrou misturando sonho e pesadelo e, assim, as vezes da fúria, ora chamada de fatalidade, ora integrada como destino.

A tormenta varejou os cantos daquele mundo, todo ele, pedaço em pedaço. Inteira apenas a destruição. Aqui e acolá destroços e, assim, a tempestade inopinada e bravia deu pelo sim, apesar do senão de todos.

Como se os começos da Terra buscassem o seu próprio sumiço naquele dia, tão bonito e recente, porém em acabamento, em desespero, em guerra sem luta, em combate sem inimigo senão o da Natureza. Qual dádiva faltara ao grande Espírito? Qual crime insólito fora cometido em silêncio? Qual desentendimento entre os homens e o Além?

Assombro, feiura e confusão. Viu-se em tudo apenas o resto. Assistiu-se ao negrume do céu. Chorou-se o nímio de uma única rajada, nunca dantes vista, sobre a primeira Terra, a mais bonita e serena, como também a brisa mansa e doce no cair da noite, agora, apenas, vento forte e chuva de pancada, e sobre a gleba a divisão em muitos nadas e tantos ais.

Assim ouvir contar, através da boca de uns poucos dentes e uma papa de anjo pegado ao pescoço do velho. Sim. Muito velho. Seiscentos anos de muitas vidas e, com ele, o saber sobre coisas invisíveis...

Duas covas de terra boa e farta existiram antes da chuvarada. A terra era verde como quando só floresta, e os homens que vinham e passavam, as mulheres que nasciam e engordavam, as crianças que descaíam do céu e subiam as fases da lua, cada um, em sua

idade e juízo, fazia do verde a sua parede, vida e mundo e, assim, viviam entre o verde e, acima deles, numa paz azul.

Roça e pescado, corte no mato, caça e maloca, por um tudo e um nada, primeiro a licença da Terra. Permissão para que dela choro algum não se ouvisse e nem faltasse comida, bebida ou provisão. Assim contam.

A devastação grosseira e malcriada nunca se vira, salvo, naquele dia fortuito. A tempestade engoliu o azul em caldo doce de rio bom, antes mesmo dele se jogar na bocarra do oceano. Naquele pedaço inteiro da Terra Vermelha, naquela terra, bem escondida no sugadouro do mundo. Foi lá. Naquele dia. Nem pajé. Nem cacique. Nem xamã velho. Nem chefe em corpo de menino recém-nascido. Ninguém previu a virada da Terra. Era como se o seu começo já buscasse o seu fim e, assim, contra a sorte do primeiro povo. Um povo há muito instalado no cotovelo do mundo entre dois ossos rijos, como esqueletos pelos braços longos e largos num canto gordo e vermelho da Terra. Terra morta ou quase tudo: bicho, gente, flor menina, árvore pequena. Como se a tempestade tivesse fome e, assim, a memória do feito. Obra do acaso? É acaso obra?

Sobreviveram, contudo, duas crianças que brincavam no fundo da garganta de uma velha gruta rica em lençóis d'água. Lá, muito depois da roça, entre os pés de feijão e os de milho, todos devastados. Saíram menino e menina sem saber de nada, logo, o medo de um tudo, logo, o choro em criança, logo, fome e sede, cansaço e sono, tudo junto e misturado.

Estarrecidos com a noite escura eis que os totens deixaram o topo das velhas árvores sobreviventes e, como reza o mito pelo recomeço do mundo, as tais criaturas engoliram o choro dos dois sobreviventes. Criadas foram no alto do dossel florestal. Por lá viveram entre os seres mais miúdos e os mais improváveis. Cresceram junto ao estrato superior das florestas – *la canopée* – cuja riqueza em imensa diversidade guarda sessenta e cinco por cento, ou mais, das formas de vida existentes no teto da floresta, cujas árvores densas e gordas do mais puro oxigénio em vida verde atingem trinta a sessenta ou setenta metros de altura.

Meses depois os totens deram às crianças as primeiras sementes...

Ensinaram as luas certas, os segredos da terra, o encontro das águas e o nome das coisas. A cada dia menino e menina desciam tronco abaixo. Cavavam buracos. Fofavam a terra. Metiam dentro semente e reza. Cobrindo com água e cuidados o plantio das novas árvores.

Anos passados. Terra renovada. Menino plantou força. Menina colheu beleza. Uniram poderes. Trocaram sementes. Replantaram toda a terra de seus ancestrais. Nasceram miúdos. Reapareceu um povo e, assim, o contar dessa história em torno da fogueira.

Aos que plantam árvores pelo renascer dos mitos. Aos que comemoram mitos pelo renascimento de uma humanidade possível. Aos que semeiam diversidades porque acreditam em solidariedade...

Esse mito eu escutei numa outra língua entre os povos escondidos da Amazônia entre duas fronteiras abraçadas pelo verde da floresta. Assumo pois a responsabilidade de transcrever em português o que ouvi, numa língua distante e remediada pelos gestos e pelos desenhos feitos naquela ocasião. Tudo mais é o que atravessa a minha memória e o que ela dita às mãos, aquém de mim, além da lembrança...

ALGUMAS REFERENCIAS, MAS SEM O COMPROMISSO OU A PRETENSÃO DE SER EXAUSTIVA...

Amistad. Filme de Steven Spielberg avec Anthony Hopkins, Nigel Hawthorne, 1997.
<http://www.youtube.com/watch?v=6gbFiwlvzgs&feature=related>

Brésil: une géohistoire. Martine Droulers. Paris: Géographies, Presses Universitaires de France, avril, 2001.

Breve Instrucción, o arte para entender la lengua comun de los indios, fegun fe habla en la Provincia de Quito. Com Licencia de los Superiores. En Lima, En la Imprensa de la Plazuela de San Chriftoval. Año 1753.

Cebolla, M. 2000. El conocimiento Mbya-Guaraní de las aves. Nomenclatura y clasificación. Suplemento Antropológicos, Revista del Centro de Estudios Antropológicos, Asunción, Paraguay, vol. 35, n° 2, pp. 9-187.

Ce que disent les contes. Luda Schnitzer. Editions du Sorbier, Paris, 1985.

Mythology, traduit de l'anglais par Abeth de Beughem. La Mythologie : ses dieux, ses héros, ses légendes. Edith Hamilton. Marabout Université. Belgique, Verviers, 1940, 1942.

Contes de tous les pays. Racontés par Ann Rocard. Editions Lito. Champigny-sur-Marne, 2000.

Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 17 de Outubro de 2003, MISC/2003/CLT/CH/14, pp. 1-18.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>

Diários da Floresta. Betty Mindlin. Editora Terceiro Nome, São Paulo, 2006

Dicionário da Língua Tupi chamada Língua Geral dos Indígenas do Brasil. A. Gonçalves Dias. Lipsia: F. A. Brockhaus. 1858. Uma edição desse dicionário tem livre circulação, há alguns meses, em formato PDF.

Dicionário Tupi Português. Luiz Caldas Tibiriçá. Com Esboço de Gramática de Tupi Antigo. São Paulo: Traço Editora e Distribuidora. 2ª. Edição, 1984, pp. 200.

El Silencioso Genocidio de los M'bya Guarani en Argentina. [O Silêncio Genocídio dos Guarani]. Versão integral em espanhol e guarani, In: wrm@wrm.org.uy e igualmente divulgado por [Yvy Kuraxo](#), Facebook, Vendredi 27 avril 2012, 01:58.

Encyclopedia of Myth and Legend. Indian Mythology. Jan Knappert. Diamond Books, London, 1995. First published by The Aquarian Press, 1991.

Entrevista concedida e que coloca em evidência as problemáticas atuais discutidas pelo filósofo e sociólogo Edgar Morin. « Edgar Morin, une voie pour éviter le désastre annoncé. In : Le Nouvel Observateur. Rue 89, France. Revista Eletrônica, 23/01/2011 à 17h58.

<http://www.rue89.com/entretien/2011/01/23/edgar-morin-une-voie-pour-eviter-le-desastre-annonce-187032>

Entrevista de Edgar Morin. « Vive la symbiose des cultures ». In : Jornal Le Monde, Caderno M Idées, divulgado em 07.02.2012 à 14h22.

http://www.lemonde.fr/idees/article/2012/02/07/vive-la-symbiose-des-cultures_1639966_3232.html

L'Empire peul du Macina (1955, nouvelle édition en 1984), Vie et enseignement de Tierno Bokar, le sage de Bandiagara (1957, réécrit en 1980), adapté au théâtre par Peter Brook (en 2003), Aspect de la civilisation africaine (1972), Petit Bodiel (conte peul) et version en prose de Kaïdara (1976), Njeddo Dewal mère de la calamité (1985, conte fantastique et initiatique peul), Ce que vaut la poussière, contes et récits du Mali (1987) e Il n' y a pas de petite querelle (2000). Obras de Amadou Hambaté Bâ (1901-1991), considerado como um dos maiores conservadores das tradições africanas.

Fricassés de maris : mythes érotiques d'Amazonie, par Betty Mindlin. Traduction de l'édition brésilienne par Jacques Thiériot. Editions Métailié, Paris, 2005.

Guide to Welsh Literature, ed. A. O. H. Jarman and G.R:Hughes (Christopher Davies, Swansea, volume I, 1976).

Inca Myths. Gary Urton. British Museum Press. 1999. Edition française, Seuil, avril 2004. Mythes Incas. Editions Michel Albin. IN : Collection Terre Indienne. Paris, Mars, 2000.

Indian Mythology. An Encyclopedia of Myth and Legend. Jan Knappert. Diamond Books, 1995. First published by The Aquarian Press. London, 1991.

Iabadai Surui Will Not Forget How The Lumbermen Killed Iabner. Betty Mindlin. IWGIA NEWS LETTER, Copenhagen, v. 58, p. 20-31, 1989.

Kaypim ñataq ancha ñawpa runakunap rimakusqanman ñataq kutisun. Gerald Taylor. IFEA Luvia Editores, 2001. IN: WARUCHIRI: Nawpa Machunkunap Kawsāsqa. Indigène du XVIIème. Siècle (1608) dans le Manuscrit découvert au XIXème siècle. (Manuscrit Quechua- Pérou) par la contribution gracieuse du chercheur César ITIER.

Koumen. Texte initiatique des pasteurs Peul. A. Hampate Ba et G. Dieterlen. Cahiers de l'Homme. Ethnologie – Géographie – Linguistique. Editions EPHE, Paris, 1961.

Kuraka Pawkar. José Sáenz (Vilca). Relatos Quechuas. Crescencio Ramos Mendoza. Lima, Horizonte, 1992.

Keller, H.A. 2001. 1996. Etnobotánica de los guaraníes que habitan la selva misionera. Jornadas Argentinas de Botánica, Mendoza, 17 al 22 de noviembre de 1996, 465, 6 p.

La Mort des Langues. http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/Langues/2vital_mortdeslangues.htm

Lavallée, D. 2000. Les premiers producteurs de l'Amérique du Sud. En: ""Premiers paysans du monde. Naisance des agricultures", Direction J. Guilaine, Ed. Errance, Paris, pp. 191-211.

Légendes Amérindiennes. Jean-Claude Dupont. Éditions J-C-Dupont. Québec, Canada, 1992.

Les indiens Kogi : la mémoire des possibles. Sous la direction d'Eric Julien et Muriel Fifils. Préface de Jean-Marie Pelt. Editions Actes Sud, Arles, 2009.

Les mythes platoniciens. Geneviève Droz. Editions du Seuil : Points, Inédit, Sagesses, Paris, 1992.

Le Patrimoine Culturel Immatériel : les enjeux, les problématiques, les pratiques. Editions Babel : Internationale de L'Imaginaire. Nouvelle Série. N° 17, Maisons des Cultures du Monde, 2004.

Library of the Word's Myths and Legends. Newnes Books, London, 1980, 1987, 4 vols.

Literatura oral para a infância e a juventude. Lendas, contos & fábulas populares no Brasil. Henriqueta Lisboa. Editora Fundação Petrópolis. São Paulo, 2002. 1a. edição de 1987 de Abigail de Oliveira Carvalho.

L'Univers, les dieux, les hommes. Jean-Pierre Vernant. Récits grecs d'origines. Editions du Seuil. Texte Intégral, Paris, Octobre 1999.

Mehinaku. Message from Amazon. General Direction Vito D'Alessio et alli. CD Duplo. Dialeto Latin American Documentay. São Paulo, 2001.

Montenegro, R. A. 1999. Introducción a la ecología. Ed. Universidad Nacional del Comahue, Neuquen, 190 p.

Montenegro, R.A. 2003. Protocolos y apuntes de la Primer, Segunda y Tercer Campaña a las comunidades Mbya de Tekoa Yma y Tekoa Kaf'i Yvate en la selva del Pepirí, en Misiones. Ed. FUNAM, Córdoba, mimeo, 110 p.

Montenegro, R.A. 2004. Determinación del territorio que necesitan dos comunidades Mbya Guarani para satisfacer sus necesidades vitales y evaluación del impacto ambiental producido en la zona por empresas madereras (Reserva de la Biosfera de Yabotí en Misiones, Argentina). Ed. ENDEPA y FUNAM, Resistencia, 192 p.

Poésie Guarani. Rubén Bareiro Saguier e Carlos Villagra Marsal. Edition Trilingue. Patiño, Genève, (Switzerland). Fondation Simón. Suisse, 2000.

Poujade, R. 2000. Entrevista sobre arqueología misionera. Diario El Territorio, Sección "Sed de cultura", Posadas, Misiones, 2 de julio de 2000, pp. 1-2.

Revista europea de información y documentación sobre América Latina. Adelqida Román Román (directora) et alli. Redial: N° 4, Paris, 1995.

Sur les pas de Geronimo. Corine Sombun et Harlyn Geronimo. Terre Indienne. Albin Michel. 2008.

Testart, A. 1982. Les chasseurs-cueilleurs ou l'origine des inégalités. Societé d'Etnographie, Paris.

Terra Madura. Graciela Chamorro. Yvy Araguayje : Fundamento da Palavra Guarani. Editora UFGD, Dourados-MS, 2008.

Terra MemóriaViva & Rede de Cooperação Internaciona.. Catitu Tayassu. Associação Pour la Vie Ailleurs & Maintenant. Paris : Sacem, fevereiro 2012.

Three Brazilian indian love myths from the Amazon. Betty Mindlin. *Iic Quarterly*, Nova Delhi, v. 28, n. 1, p. 1-16, 2001.

The High Thistory of the Holy Grail, trans. S. Evans (James Clarke, Gambridge, 1969 reprint) a translation of Perlesvaus.

The Waning of the Middle Ages. Huizinga, J., Penguin Books, 1965, paperback reprint.

The Grail: From Celtic Myth to Christian Symbol. Loomis, R.S. University of Wales Press, Cardiff, and Columbia University Press, N.Y. 1963.